

A RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA E CULTURA EM UMA COMUNIDADE TRADICIONAL NO ESTADO DO TOCANTINS: QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU

THE RELATIONSHIP BETWEEN LANGUAGE AND CULTURE IN A TRADITIONAL COMMUNITY IN TOCANTINS STATE: BABAÇU COCONUT FEMALE EXTRACTORS

Nicole Kennia Leite Souza **1**

Rodrigo Vieira do Nascimento **2**

Resumo: O objetivo deste estudo é fazer uma reflexão acerca da língua enquanto mecanismo de representação cultural, artística e discursiva das Quebradeiras de Coco Babaçu, cidade de São Miguel, no Estado do Tocantins. No estudo, utilizaremos alguns materiais e procedimentos metodológicos, tais como, entrevistas semiestruturadas, pesquisas de campo e coleta de dados no ambiente no qual essas mulheres vivem. Com este estudo, esperamos destacar a relação que a língua e a cultura exercem na manifestação de um discurso. Com este estudo, nota-se que a língua e a cultura estão intrinsecamente ligadas à manifestação do discurso em uma sociedade, sendo a língua, nesse processo, uma ferramenta dinâmica e ativa; e a cultura um objeto vivo imbuído de identidade e erudição, símbolo de luta e resistência, principalmente, a favor da preservação ambiental. Para aporte teórico deste estudo e melhor aprofundamento do assunto, nos amparamos em autores como Lyons (1981), Câmara Jr. (1975), Camargo (2018), Mintz (1982), Morin (1991) e Orlandi (2015).

Palavras-chave: Língua. Cultura. Sociedade. Quebradeiras de Coco Babaçu.

Abstract: Thus, this study aims to reflect about language as a mechanism of cultural representations, artistic and discursive of the Babaçu Coconut female extractors, in São Miguel city, Tocantins State, Brazil. In this study, it was used some methodological procedures and materials, such as: semi structured interviews, field research and data collecting in the environment where those women live. It expects to highlight the relation that language and culture exercise on speech manifestation, with this study. It realizes that language and culture are intrinsically linked to the speech manifestation in a society, being the language, in this process a active and dynamic tool, and the culture lived object imbued with identity and erudition, fight symbol and resistance, mainly in favor of the environment preservation. As theoretical contribution and better understanding and support for this study, the following authors were cited Lyons (1981), Câmara Jr. (1975), Camargo (2018), Mintz (1982), Morin (1991) e Orlandi (2015).

Keywords: Language. Culture. Society. Coconut Female Extractors.

Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). Professora na Escola Municipal Professor Antônio Farias. Lattes: **1**
<http://lattes.cnpq.br/9720661129435021>.
E-mail: nycolly_kennia@hotmail.com

Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras: **2**
Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Estado do Tocantins (UFT). Professor do Curso de Letras da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8227728628110178>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6699-164X>. E-mail: rodrigo.vn@unitins.br

Introdução

Por meio da linguagem, o ser humano expõe o seu discurso e, assim, se posiciona dentro da sociedade, seja de forma política, ideológica, cultural e/ou social. As pessoas se expressam de várias formas, dentre elas, a arte e a própria literatura. A literatura pode se tornar o veículo das manifestações culturais e ideológicas de uma determinada sociedade, ela é, por vezes, o único instrumento capaz de dar voz as pessoas que vivem em comunidades autóctones.

Com o auxílio da linguagem, as Quebradeiras de Coco Babaçu¹ das regiões Norte e Nordeste do país evidenciam socialmente suas ideologias, convicções e, majoritariamente, defendem seus comportamentos, costumes, crenças e/ou dogmas.

A língua torna-se instrumento de luta pela preservação da identidade social e cultural dessas mulheres, além de preservar a memória daquilo que foi repassado a elas pelos seus antepassados.

Nesta perspectiva, o presente trabalho tem a finalidade de fazer uma reflexão acerca da língua enquanto instrumento de manifestação artística, cultural e discursiva das Quebradeiras de Coco Babaçu, em especial, na cidade de São Miguel no Estado do Tocantins. Pretende-se (re)conhecer a memória e identidade cultural dessas mulheres a partir dos gêneros literários (memórias orais: mitos, cantiga de roda e poesia) como preservação da memória cultural e histórica.

Para tanto, algumas questões norteadoras para o presente trabalho foram estabelecidas: a) Como estão impregnadas as manifestações culturais das Quebradeiras de Coco Babaçu de São Miguel, no Estado do Tocantins, nos gêneros literários produzidos por estas comunidades tradicionais?; b) Como esta população se articula quanto à preservação da sua memória e identidade?; E, a partir da língua, como as Quebradeiras de Coco Babaçu de São Miguel fazem para disseminar a conscientização ambiental e a preservação da natureza dentro do espaço que fazem parte?

É inevitável a ruptura de certos valores e tradições com a imposição da atual ciência e a tecnologia, pois, novas ordens sociais e paradigmas se instauram, juntamente com novos valores e linguagens, desvinculando o homem de suas raízes e alienando-o a “realidade contemporânea”. Neste sentido, justifica-se esta discussão pela importância de resgatar e manter viva a memória cultural, dos mitos/ritos, doutrinas, valores e costumes das Quebradeiras de Coco Babaçu de São Miguel, posto que, os saberes, *habitus e modus vivendi* dessa comunidade, penetrados em suas manifestações artísticas e culturais, são passíveis de múltiplas investigações, como, etnolinguísticas, antropológicas, sociológicas, históricas, culturais e entre outras esferas científicas, o que comprova o pluralismo cultural do Estado, merecendo maior respaldo, visibilidade e evidência no cenário nacional.

Para esta discussão, optamos por realizar uma Pesquisa Bibliográfica, de abordagem qualitativa. Foram realizadas Pesquisas de Campo nas comunidades que residem as Quebradeiras de Coco, bem como, foram empreendidas entrevistas com as mulheres que sobrevivem do extrativismo do Babaçu, principalmente, com a coordenadora e diretora das Quebradeiras de São Miguel – TO. Ademais, serão realizadas, também, análises das manifestações literárias (poesias, cantigas de roda e narrativas orais - mitos) das comunidades em questão, com o intuito de mostrar a sua riqueza linguística e cultural. Almeja-se corporizar as transcrições das entrevistas semiestruturadas para melhor análise de estudo. A fim de manter o nível de transparência da pesquisa e resguardar eticamente as participantes da pesquisa, todas as mulheres envolvidas assinaram um termo de responsabilidade e consentimento (compromisso), para resguardar, de maneira legal, todos os envolvidos.

Com este trabalho, espera-se destacar a relação que a língua e a cultura exercem no processo de manifestação de um discurso e como nós, seres humanos, a todo o momento, nos amparamos nelas para nos expressarmos dentro da sociedade da qual fazemos parte.

Para fundamentar nosso trabalho, nos amparamos em autores como Lyons (1981), Câ-

1 De acordo com a Cartilha Boas Práticas do Babaçu “O babaçu (*Orbignya sp*) é uma palmeira de grande importância para muitas comunidades extrativistas, tanto por razões de subsistência quanto por questões econômicas, em função dos diversos usos que ela oferece. Dentre estes, destacamos o da folha para uso em construções e artesanatos e das amêndoas e mesocarpo para fins cosméticos e culinários (GOMES et al, 2012, p.05).

mara Jr. (1975), Costa (2008), Saussure (1975) e Sousa e Silva (2017), Nasi (2007), Camargo (2018), Mintz (1982), Laraia (2008) e, Morin (1991).

Língua e cultura: particularidades

Conceitua-se língua como um sistema linguístico empregado por uma determinada comunidade para a comunicação entre seus membros. Os membros desta comunidade conhecem as regras e os elementos que formam o sistema anteriormente mencionado, e mediante estes recursos finitos que possuem, é possível criar uma enorme quantidade de mensagens.

Ferdinand de Saussure (1857-1913) foi um filósofo suíço, tido como o fundador da Linguística Moderna, devido às valiosas contribuições para que ela se tornasse uma ciência autônoma. Para Saussure, a língua era um sistema de signos - um conjunto de unidades organizadas, formando um todo – compostos por significante – que se trata da imagem acústica projetada em nossa mente, sendo, portanto, algo psíquico, e não físico – e significado – aquilo que a palavra quer dizer. Saussure (1975, p.94) afirma que “a língua é um sistema cujas partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica”. Mais adiante, ele ainda explica que:

É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, sincronia e diacronia designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução (SAUSSURE, 1995, p.96).

Saussure (1995) considera a linguagem como sendo social e individual; psíquica; psico-fisiológica e física. Portanto, nos seus estudos, ele faz a fusão entre Língua e Fala. Para ele, a Língua é definida como a parte social da linguagem e que só um indivíduo não é capaz de mudá-la. O linguista afirma que “a língua é um sistema supra-individual utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade”, portanto “a língua corresponde à parte essencial da linguagem e o indivíduo, sozinho, não pode criar nem modificar a língua” (COSTA, 2008, p.116).

Saussure ainda diferenciou os aspectos evolutivos e históricos da língua, a que denominou diacrônicos, o estudo dos estados da língua (esses estudos são perceptíveis através dos anos), da relação entre os elementos simultâneos, a que denominou sincrônicos (podemos observar essa relação num determinado momento do tempo).

Saussure possibilitou uma nova forma de pensar a língua, e com seus estudos, permitiu à Linguística ganhar estatuto de cientificidade. Mas, ele foi somente o precursor, o pioneiro, e através de seus estudos novos teóricos foram surgindo, trazendo novas abordagens relacionadas ao estudo da língua. Chomsky (1928) considerado como o pai da linguística moderna, foi um desses teóricos que surgiu, ele criou uma nova teoria chamada de Gramática Gerativa.

A teoria de Chomsky nos indica que o ser humano carrega uma predisposição genética que permite a ele a aquisição da linguagem. Chomsky (1998, p.22) utiliza o termo “estado inicial” para conceituar o que seria um aparelho de aquisição da língua. Chomsky (1998) ainda afirma que:

Ora, se todos os seres humanos estão aptos a adquirirem uma língua, a experiência vivida pelos sujeitos seria um “dado de entrada” no sistema (permitindo a assimilação de palavras e seus significados) e a língua propriamente dita, um “dado de saída”. Cada língua em particular é uma manifestação específica do estado inicial uniforme (CHOMSKY, 1998, p.24).

Podemos perceber que os conceitos de língua, criados pelos dois autores variam de acordo com a teoria de cada um. Saussure e Chomsky trouxeram grandes contribuições à área da linguística. De acordo com Nasi (2007, não paginado) “Saussure problematizou a questão e transformou a língua no objeto de estudo da linguística, dando a ela o estatuto de ciência”.

Já Chomsky, segundo Nasi (2007, não paginado) “segundo a mesma perspectiva de Saussure, inicia os estudos que fundam o campo do gerativismo, introduzindo uma abordagem voltada para a criatividade humana, para a capacidade de gerar/criar sentenças”.

Tanto Saussure quanto Chomsky consideram a língua como um sistema fechado em si mesmo, sem nenhuma relação com os fatores externos à ela, mas, nos próximos tópicos, percebemos que a língua mantém estreita relação com a sociedade, e que os indivíduos que a usam, manifestam seus pensamentos e ideologias através de discursos, conceito concebido através da disciplina Análise de Discurso (AD).

A língua, o ato concreto, mantém estreita relação com a sociedade, ou seja, o falante, através do seu contexto social, se posiciona na sociedade utilizando a língua como seu instrumento. Sobre isso, Silva e Sousa (2017) citam que:

A língua não se realiza num vácuo social. Ela não existe fora da sociedade, da mesma forma que a sociedade não existe sem ela. A relação entre língua e sociedade não é uma relação em que uma determina a outra, mas de interação entre elas, em que uma se refrata na outra, num sistema de influências (SILVA; SOUSA, 2017, p.263).

Podemos entender, então, que língua e sociedade estão intrinsecamente ligadas, uma existe por influência da outra, e não podemos fazer, nos nossos estudos, a separação das duas, pois uma se ampara na outra.

Nos estudos da Linguística, se encontra uma disciplina chamada Sociolinguística, nesta disciplina, são estudadas as relações existentes entre língua e sociedade. Lyons (1981, p.245) cita que, segundo a definição mais ampla de Sociolinguística, trata-se do “estudo da língua em relação à sociedade”, ou seja, a língua inserida num contexto social de comunicação e não mais isolada em si mesma. Mais adiante Lyons (1981, p.245) ainda diz que o mesmo ponto de vista deve ser adotado em relação à definição de etnolinguística “como o estudo da linguagem em relação à cultura – considerando ‘cultura’ no sentido em que é usada na antropologia e de modo mais geral nas ciências sociais”.

A língua não foge da sociedade, assim como a sociedade não foge da língua, como já foi citado por Sousa e Silva (2017) o que existe é uma relação de influência, mas devemos entender que uma não é superior à outra. Eles ainda comentam que:

A palavra é a materialidade da língua, é nela que a língua se realiza, mas não só na palavra em si, mas em todo um contexto no qual está envolto o falante. O contexto de fala não pode ser excluído da significação linguística e é em decorrência desse contexto que a língua evolui, transforma-se (SOUSA; SILVA, 2017, p.264).

É nesse contexto social que a língua está incluída, é por meio dele que a comunicação ocorre, tornando possível o entendimento entre os falantes. A língua não é estática, ela anda num constante estado de evolução, e, é com o auxílio da sociedade, no momento da comunicação que ela evolui. Assim como a língua evolui com a ajuda da sociedade, a sociedade evolui com a ajuda da língua. É no momento da evolução que a língua muda, causando então uma transformação que é perceptível através do tempo. Lobov (2008) *apud* Sousa e Silva (2017) argumenta que:

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, 2008, p. 21 *apud* SOUSA; SILVA, 2017, p.264).

A sociedade opera sobre a língua, de um modo que nos permite perceber essa relação, isso não é ruim, quando uma trabalha em função da outra, podemos perceber a evolução tanto linguística, quanto social.

É importante, que entendamos a relação existente entre língua e sociedade, para que possamos entender como uma se manifesta com o auxílio da outra, é impossível que um ser humano se manifeste na sociedade sem o amparo da linguagem, mas é necessário que saibamos que a linguagem não se constitui objetivamente, pois, como afirmam Sousa e Silva (2017, p.265), “a linguagem não é objetiva, deve-se considerar a posição do sujeito em relação ao tempo e ao espaço. Ela não visa à tradução objetiva das coisas, mas também não é produto de um subjetivismo fundamentado na consciência de um sujeito deslocado do tempo e do espaço”. O sujeito se constitui na sociedade dentro de um tempo e espaço, que permite a ele se manifestar linguisticamente de forma apropriada, que permite o entendimento no momento da comunicação.

A língua é manifestada e entendida através do contexto social no qual uma pessoa está inserida, ela não é isolada, e nem se opera separadamente, sobre isso, Sousa e Silva (2017) citam que:

A língua é um código que se materializa na fala e na escrita, tanto uma como a outra se inserem num sistema linguístico, porém esse sistema não pode ser considerado em si mesmo, porque em si mesmo ele não existe. Ele só existe em função de uma realidade sociocultural na qual o falante da língua está inserido (SOUSA; SILVA, 2017, p.266).

Não se pode separar a língua da pessoa que a utiliza, assim como não podemos separar a pessoa do contexto de vida no qual ela está inserida, Sousa e Silva (2017, p.266) comentam que “a língua se relaciona com o contexto de vida do falante com todas suas nuances (sociais, culturais, econômicas, históricas, artísticas, religiosas etc)”.

Saussure, ao conceituar língua, a separa do contexto social, ele foi um dos grandes linguistas que contribuíram para o desenvolvimento da Linguística como ciência, mas, apesar de ter contribuído sobremaneira para essa realização, ele não relaciona língua e sociedade, a respeito disso, Sousa e Silva (2017, p.266) analisam que “a língua não pode ser analisada como um sistema formal isolado de significações socioculturais”.

É importante que passemos a refletir sobre a relação entre língua e sociedade, pois as duas operam de maneira significativa para o processo de manifestação de um discurso dentro do contexto social, no qual o sujeito faz parte.

Existem várias palavras para se conceituar cultura, mas alguns conceitos ganham destaque. Segundo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa “cultura é um substantivo feminino, e diz respeito a um conjunto dos hábitos sociais e religiosos, das manifestações intelectuais e artísticas, que caracteriza uma sociedade, por exemplo: cultura inca; a cultura helenística; a cultura portuguesa”.

Lyons (1981, p.274), no seu livro intitulado “Linguagem e Linguística”, comenta que “embora a palavra ‘cultura’ seja amplamente empregada agora nas ciências sociais, e especificamente por antropólogos, no sentido que acabou de ser identificado, ela pode ser definida, tecnicamente, de várias maneiras diferentes”. Mas, de acordo com ele, “cultura pode ser descrita como conhecimento adquirido socialmente: isto é, como o conhecimento que uma pessoa tem em virtude de ser membro de uma determinada sociedade”. Ou seja, a sociedade, convívio/meio social do indivíduo, determina a sua “cultura”, e as influências que ele irá sofrer através dela.

Câmara Jr. (1975) estudou as relações entre língua e cultura, mas como ele cita:

Creio não estar errado, diante dos meus colegas que são antropólogos, dizendo que de maneira geral a cultura é, neste caso, o conjunto do que o homem criou na base das suas faculdades humanas: abrange o mundo humano em contraste

com o mundo físico e o mundo biológico (CÂMARA, 1975, p.51).

Ou seja, cultura é aquilo que o homem cria a partir de sua maneira de viver o mundo. As diversas áreas das ciências humanas têm seus próprios conceitos em relação à cultura, é interessante, pois cada uma aborda uma definição que nos permite pensar a respeito disso, de maneira mais aprofundada.

Para sociologia, cultura é tudo aquilo que resulta da criação humana. Não existe cultura superior ou inferior, melhor ou pior, mas sim culturas diferentes. No senso comum, cultura adquire diversos significados: grande conhecimento de determinado assunto, arte, ciência, “fulano de tal tem cultura”. Camargo (2018, não paginado) comenta que “Aos olhos da Sociologia, cultura é tudo aquilo que resulta da criação humana. São ideias, artefatos, costumes, leis, crenças morais, conhecimento, adquirido a partir do convívio social”. Segundo ele, a Sociologia ainda aponta as funções que a cultura exerce dentro da sociedade:

Satisfazer as necessidades humanas; limitar normativamente essas necessidades; implica em alguma forma de violação da condição natural do homem. Por exemplo: paletó e gravata são incompatíveis com clima quente; privar-se de boa alimentação em prol da ostentação de um símbolo de prestígio, como um automóvel; pressão social para que tanto homens quanto mulheres atinjam o ideal de beleza física (CAMARGO, 2018, n. paginado).

Vemos então, que para a Sociologia, a cultura serve ao homem para atender suas necessidades, a cultura é uma criação humana, mas ao mesmo tempo, ela vai ditar como o homem, dentro de uma comunidade, deve se portar na sociedade.

Para a Antropologia, a definição de cultura é bem complexa, pois os antropólogos ainda não chegaram a um conceito que satisfizesse a todos. Mintz (1982) reflete de maneira convincente a essa indefinição:

Cultura seriam ideias? Seriam padrões? Seriam atos? Seriam as consequências, incluindo os objetos materiais, desses atos? Seria tudo isso, uma relação entre alguns, ou todos eles, ou uma coisa inteiramente diversa? Por incrível que pareça, nós não temos a menor ideia ou, melhor dizendo, temos centenas delas (MINTZ, 1982, p.227).

Para Mintz (1982), cultura não é algo que deva se definir através de um conceito abstrato para abarcar todas as áreas, a cultura, carrega em si, uma série de definições que não pode ser abarcada somente numa área específica do conhecimento.

Em 1952, os antropólogos A.L. Kroeber e Clyde Kluckhohn analisaram 162 diferentes definições de cultura e concluíram que não seria possível uma definição de cultura que contentaria a maioria dos antropólogos. Um dos pioneiros da antropologia, Edward Tylor (2005, p.20) fez uma das primeiras propostas científicas de que cultura seria “em seu amplo sentido etnográfico, este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou quaisquer outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Podemos observar que os diversos conceitos de cultura apresentados apresentam semelhanças entre si, Laraia (2008, p.45) aponta que “a cultura não é uma mera soma de elementos. A experiência de cada pessoa com a cultura é única. A cultura condiciona a visão de mundo, interfere na existência física do ser humano, opera com uma lógica própria e se mantém dinâmica”.

Dessa forma, cultura passa a ser mais que um conceito definido por uma série de pes-

quisadores, cultura é arte, é manifestação de pensamento, é inserção dentro da sociedade.

Se a cultura mantém estreita relação com a sociedade e, a sociedade é intrinsecamente ligada à língua, e vice-versa, logo, podemos notar que existe uma tríade, ou paralelo entre língua, cultura e sociedade. Sobre essa relação entre língua e cultura, Câmara Jr. (1975) argumenta que:

Funcionando na sociedade para a comunicação dos seus membros, a língua depende de toda a cultura, pois tem de expressá-la a cada momento; é um resultado de uma cultura global. Ora, isso não acontece necessariamente com os outros aspectos da cultura: em cada um deles se refletem outros (as concepções religiosas na arte, a arte na indústria e assim por diante), mas nenhum deles existe para expressar todos os outros. Assim a língua é uma parte da cultura, mas uma parte que se destaca do todo e com ele se conjuga dicotomicamente (CÂMARA JR, 1975, p. irregular).

Como já foi citado, língua, cultura e sociedade se complementam, um indivíduo está inserido num contexto social e faz parte de uma determinada sociedade, e essa sociedade tem a língua como instrumento de comunicação, e se a cultura é resultante dos costumes, crenças e hábitos de uma sociedade, logo, as três caminham juntas para a criação de um indivíduo coerente, e cidadão que exerce sua cidadania plenamente.

Existe uma relação de interdependência entre língua, cultura e sociedade. Saussure (1988, p.17) afirma que "tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence, além disso, ao domínio individual e ao domínio social". A língua pertence à sociedade, mas a sociedade também pertence à língua, é quase impossível uma funcionar sem a ajuda da outra, ainda sobre língua, Saussure (1988, p.19) assegura que "de um lado, os costumes de uma nação têm repercussão na língua, e, de outro, a língua em grande parte constitui a nação, anunciando dessa forma a inter-relação língua / sociedade / cultura".

Segundo Morin (1991),

A cultura, que é característica da sociedade humana, é organizada / organizadora via o veículo cognitivo que é a linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das aptidões aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade. Assim, se manifestam representações colectivas', 'imaginário colectivo'. E, dispondo do seu capital cognitivo, a cultura institui as regras /normas que organizam a sociedade, dirigem os comportamentos individuais. As regras / normas culturais geram processos sociais e regeneram globalmente a complexidade social adquirida por essa mesma cultura (MORIN, 1991, p.17).

Segundo Furtado et al. (2006, p.93) as ideias contidas neste conceito já estavam delineadas por ele (1975, p. 170) quando dizia que "o indivíduo, ao nascer, começa a receber a herança cultural, que lhe vem garantir a formação, orientação e desenvolvimento como ser social. A herança cultural, não apenas, vai sobrepor-se à hereditariedade genética, mas também vai combinar-se com esta".

Dessa forma, se um indivíduo está inserido numa sociedade, onde os costumes, crenças e tradições são regidos por meio de uma cultura comum, e essa mesma cultura é transmitida por meio da língua, uma se relaciona à outra de maneira intrínseca, por muitas vezes, passando despercebida.

Percurso metodológico

O presente trabalho foi realizado através de pesquisas bibliográficas (com dados bibliográficos de segunda mão (fontes secundárias)² - livros, artigos, documentos digitais, outros), de natureza qualitativa, indutiva, descritiva e explicativa, bem como, a partir de pesquisas de campo, por intermédio de entrevistas semiestruturadas.

Como caminho metodológico, o presente trabalho delineou-se segundo a modalidade da pesquisa bibliográfica. Chiara (2008, p.24) esclarece que:

A pesquisa bibliográfica é feita com o intuito de levantar um conhecimento disponível sobre teorias, a fim de analisar, produzir ou explicar um objeto sendo investigado. A pesquisa bibliográfica visa então analisar as principais teorias de um tema, e pode ser realizada com diferentes finalidades (CHIARA, 2008, p.24).

A pesquisa bibliográfica foi feita a partir do estudo de artigos e revistas que abordam os temas que foram pesquisados, por meio deles, o aporte teórico foi produzido.

A pesquisa inquerida é de natureza qualitativa, pois, conforme expõe Gerhardt e Silveira (2009, p.31), a pesquisa qualitativa “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc”. Não é nosso foco, neste estudo, quantificar dados, visamos explorar os significados linguísticos e culturais do grupo sociocultural em questão: as Quebradeiras de Coco.

Utilizamos em nossa investigação o método indutivo. O método indutivo é um processo mental, que, para chegar ao conhecimento ou demonstração da verdade, parte de fatos particulares, comprovados, a chegar a uma conclusão genérica. Em nosso estudo, partimos de uma observação específica da comunidade tradicional, seus costumes, tradições, culturas, a fim de chegarmos a hipóteses de estudo e possíveis conclusões.

Optamos também em nosso estudo do método descritivo, pois, detalhamos e descrevemos nosso objeto de estudo e os resultados diretos da coleta de dados. Na pesquisa descritiva, realiza-se o estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos do mundo físico, sem a interferência do pesquisador (BARROS; LEHFELD, 2007, p.25). O processo descritivo visa à identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou processo (PEROVANO, 2014, p.09).

E outro método de pesquisa utilizado é o explicativo. Foram registrados alguns fatos e, a partir desses, foram realizadas maiores análises, interpretações e explicitações sobre eles, procurando entender o porquê da existência desses fatos. A pesquisa explicativa registra fatos, analisa-os, interpreta-os e identifica suas causas. Essa prática visa, segundo LAKATOS e MARCONI (2011, p.65) “Ampliar generalizações, definir leis mais amplas, estruturar e definir modelos teóricos, relacionar hipóteses em uma visão mais unitária do universo ou âmbito produtivo em geral e gerar hipóteses ou ideias por força de dedução lógica”. A pesquisa explicativa exige maior investimento em síntese, teorização e reflexão a partir do objeto de estudo; visa identificar os fatores que contribuem para a ocorrência dos fenômenos ou variáveis que afetam o processo.

Além da pesquisa bibliográfica, foram realizadas, nesse estudo, algumas pesquisas de campo. Segundo Gonsalves (2001, p.67),

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso,

² Segundo Umberto Eco: em biblioteconomia, historiografia e outras áreas de pesquisa, uma fonte secundária é um documento ou gravação que relaciona ou discute informações originalmente apresentadas em outros lugares. O conceito de fonte secundária se contrasta com o de fonte primária, que é uma fonte original da informação a ser discutida (ECO, 2007, p.25).

o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...].

A presente pesquisa de campo aconteceu em uma comunidade tradicional, da cidade de São Miguel, no Estado do Tocantins, chamada de Quebradeiras de Coco Babaçu. Foi preciso um contato direto com as trabalhadoras rurais e as mulheres extrativistas das palmeiras e do coco do babaçu, tidas como quebradeiras de coco.

Os instrumentos de pesquisa foram os gêneros literários, por meio deles, conseguimos fazer nossas análises. Foram escolhidos três gêneros: cantiga de roda, poesia e narrativas orais: mitos. A cantiga de roda se chama Xote das Quebradeiras de Coco, composição de cinco mulheres, dos quatro estados que envolvem o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), a poesia escolhida foi escrita pela diretora do MIQCB, da regional Tocantins, ela se chama Ave Maria das Quebradeiras. Já, para a coleta de dados referente às narrativas orais: mitos, foram realizadas a partir de conversas paralelas, e também em paralelo a uma entrevista semiestruturada, com perguntas fechadas, vale ressaltar que as conversas são abertas e as perguntas são fechadas, por isso a entrevista foi semiestruturada.

A abordagem em relação à natureza da pesquisa qualitativa será feita através de relatos que serão feitos com o auxílio de entrevistas semiestruturadas, no qual essas mulheres relatarão suas histórias, e suas experiências enquanto indivíduos de uma comunidade tradicional (esses relatos serão filmados) e, depois com a ajuda dessa filmagem é que serão feitas as transcrições. Para que a pesquisa seja filmada, as mulheres assinarão um termo de compromisso, no qual elas autorizam seus direitos de imagens para fins acadêmicos de pesquisa.

(Re)pensando a língua e a cultura a partir dos gêneros literários das Quebradeiras de Coco

As Quebradeiras de Coco Babaçu são uma das quinze identidades étnicas³ brasileiras reconhecidas como comunidades tradicionais e, portanto, merecem proteção quanto ao seu modo de vida por parte do Estado. Suas conquistas nasceram, principalmente, da articulação das próprias mulheres da região, através do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB)⁴, que contempla os estados do Maranhão, Pará, Tocantins e Piauí.

Analizamos, nesta seção, as produções das manifestações literárias dentro da comunidade Quebradeiras de Coco Babaçu, na cidade de São Miguel, no Estado do Tocantins. Foram analisados os gêneros literários Mitos, Cantigas de Roda e Poesia. São vários os gêneros literários, e a escolha deles surgiu a partir da observação do cotidiano das Quebradeiras, eles se encontram mais presentes no espaço delas, do que os demais, foi possível observar que as cantigas de roda, as poesias e as narrativas orais são mais presentes e com maior intensidade, as Mulheres se apropriam mais delas para manifestarem seus discursos através da língua, por esse motivo elas foram escolhidas.

Análise do gênero literário Cantiga de Roda

As cantigas de roda costumam surgir a partir da interação das Quebradeiras umas com as outras. Quando o babaçu é coletado na mata, ele é posto numa espécie de galpão e, dentro

3 Segundo a Cartilha dos povos e comunidades tradicionais: os povos e comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados, que possuem condições sociais, culturais e econômicas próprias, mantendo relações específicas com o território e com o meio ambiente no qual estão inseridos. Respeitam também o princípio da sustentabilidade, buscando a sobrevivência das gerações presentes sob os aspectos físicos, culturais e econômicos, bem como assegurando as mesmas possibilidades para as próximas gerações (FILHO, MENDES, 2013, p.12).

4 De acordo com a descrição do site do MIQCB, o movimento “Emerge como uma organização que representa os interesses sociais, políticos e econômicos deste grupo, dando a estas mulheres a possibilidade de serem vistas e reconhecidas. Isto possibilita a chance de se desenvolverem, por meio do conhecimento e experiência que o trabalho do movimento oferece, bem como a verem o mundo além das comunidades. A luta, antes relacionada com o direito à terra e ao babaçu, passou a ser uma luta pela qualidade de vida da mulher no campo”.

desse galpão, as mulheres se reúnem para extrair o babaçu. Para passar o tempo, elas vão criando versos e rimas, até surgirem as cantigas. Mas, o Xote das Quebradeiras surgiu a partir da necessidade de alertar o povo para a derrubada das palmeiras e das queimadas excessivas dentro das terras dos latifundiários, chamando a atenção para as mulheres que tiram seu sustento do extrativismo do coco.

A música Xote das Quebradeiras é cantada por um grupo de extrativistas chamado Encantadeiras, que engloba mulheres dos Estados do Pará, Maranhão, Tocantins e Piauí, todas quebradeiras de coco. Através de suas músicas, o Xote das Quebradeiras é o carro-chefe desse grupo, pois, transmite, nos seus versos, toda a luta e ideário dessas mulheres. Dentre suas lutas, em defesa de seus direitos, podemos destacar o reconhecimento de suas terras tradicionalmente ocupadas e que têm sido violadas, no decorrer do tempo, até os dias de hoje, por fazendeiros e por grandes empresas apoiadas pelo governo, e pela não derrubada das palmeiras e o livre acesso ao coco babaçu - sem cercas elétricas, e sem ameaças as suas vidas e de suas famílias. Elas cantam seus modos de vida, seus valores, seu dia a dia e comprovam a pluralidade cultural e linguística do povo brasileiro.

A cantiga de roda Xote das Quebradeiras de Coco é instrumento vivo de resistência e luta das Quebradeiras de Coco. Com o auxílio da língua, as mulheres manifestam não somente o seu pensar, mas o seu modelo de vida, sua identidade e suas ideologias.

Ei! Não derruba esta palmeira

Ei! Não devora os palmerais.

Tu já sabes que não pode derrubar,

Precisamos preservar as riquezas naturais.

Essa parte da cantiga é, propriamente, o refrão do xote. Podemos perceber, neste trecho, uma preocupação que vai além do fator sobrevivência e subsistência, é possível notar que as extrativistas carregam uma inquietude, apreensão e um zelo ideológico quanto à preservação das riquezas naturais. A língua é, pois, dispositivo de luta. Quando é cantada a parte *“Tu já sabes que não podes derrubar, precisamos preservar as riquezas naturais”*, vemos a preocupação das Quebradeiras, quanto à necessidade de preservar o meio ambiente, juntamente, com as riquezas que nele existem. Orlandi (2015) esclarece que:

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, do outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever/dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas (ORLANDI, 2015, p.53).

Percebemos, então, que, nesta cantiga, as Quebradeiras, por meio da língua, carregam uma mensagem impregnada de sentidos e de formações discursivas que levam sua ideologia para quem a escuta. Dessa forma, os sentidos das palavras na cantiga revelam a manifestação das ideologias dessas mulheres, por meio da língua, que é utilizada na forma musical.

O coco é para nós grande riqueza,

é obra da natureza, ninguém vai dizer que não.

Porque da palha só se faz casa pra morar

Já é meio de ajudar a maior população.

Nesse trecho, é possível notar, explicitamente, a importância do fruto do coqueiro para essa comunidade autóctone. Do coco, as extrativistas do babaçu tiram seu sustento, por meio

dele, grande parte das pessoas dessa comunidade consegue ter uma renda. Merece destaque o fato que, às vezes, as palmeiras encontram-se nas terras dos fazendeiros e, quando elas cantam “o coco [...] é obra da natureza”, significa que ele não tem dono, portanto, todos podem ter acesso a ele. Orlandi (2015, p.47) comenta que “não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia”, ou seja, o homem é constituído de ideias, dogmas pensamentos, doutrinas, etc. que orientam as suas ações sociais e políticas. É possível notar, nesse trecho da cantiga, que as mulheres manifestam seu discurso através da língua, pregam um discurso impregnado de intenções, elas são sujeitos que expressam suas ideologias de uma forma literária singular. Implicitamente, as quebradeiras de coco lutam pela preservação do meio ambiente em razão de viverem dessas palmeiras. Sem babaçu, haveria um caos na comunidade.

*Se faz óleo pra temperar a comida,
é um dos meios de vida pros fracos de condição
Reconhecemos o valor que o coco tem,
a casca serve também pra fazer o carvão.*

Através desse fruto, notamos todos os meios pelos quais as mulheres quebradeiras fazem uso do babaçu. O coco, que é extraído das palmeiras dos babaçuais, ajuda as pessoas que se encontram numa situação financeira baixa. Quando cantam “é um dos meios de vida pros mais fracos de condição”, significa que, se não fosse pelo babaçu, “os fracos de condição” estariam em uma pior situação.

*Com óleo de coco, as mulheres caprichosas
fazem comidas gostosas de uma boa estimação
Merece tanto seu valor classificado que,
com óleo apurado, se faz o melhor sabão.*

Nessa parte, podemos, com o auxílio dos traços linguísticos, identificar alguns *modus vivendi* das Quebradeiras. Notamos o extrativismo do babaçu vai além de ganhar uma renda, vemos que é, também, cultura, costume, modo de viver. Do babaçu, as mulheres produzem muito mais do que o dinheiro para sustentar a família, elas criam culturalmente um modo de vida, que são repassados de mãe para filha, onde uma ensina a outra a tradição e a cultura, através dos conhecimentos passados pelos antepassados.

*Palha de coco serve pra fazer chapéu,
da madeira faz papel ainda aduba o nosso chão
Talo de coco também é aproveitado,
faz quibane, faz cercado pra poder plantar feijão*

*A massa serve pra alimentar o povo.
Tá pouco o valor do coco, precisa dar atenção
Para os pobres, este coco é meio da vida
Pisa no coco, Margarida! E bota leite no capão*

Esses dois trechos da cantiga ressaltam a importância dessa nobre palmeira. Observamos o uso não somente do babaçu, mas também, de toda a palmeira, tudo é aproveitado, nada é desperdiçado. Reafirma-se a relevância do coco para subsistência da comunidade tradicional na seguinte passagem: “a massa serve pra alimentar o povo”. Em “Pisa no coco,

Margarida!”, está impregnado um discurso profundo, pois, Margarida era o nome de uma das maiores sindicalistas femininas que lutava pelos direitos das trabalhadoras rurais. Ela foi morta por um matador de aluguel, a mando dos latifundiários, no dia 12 de agosto de 1983, e, em homenagem a ela, foi criada a Marcha das Margaridas, movimento que carrega o ideal de todas mulheres trabalhadoras rurais e urbanas que se encontram na luta e resistência pelos ideais desse grupo. Notamos, nessa passagem, o sentido intencional provocado pelas Quebradeiras, ao mencionar Margarida. Trata-se, pois, de um sujeito que teve grande representatividade e notoriedade, que carregou marcas identitárias e culturais e que, de alguma forma, simboliza o movimento de inserção do sujeito assujeitado dentro da Análise Do Discurso, feito por Michel Pêcheux, em que um sujeito que é submetido à maquinaria discursiva, em que a existência do outro é subordinada ao primado do mesmo.

Mulher parada, deixa de ser tão medrosa!
Seja um pouco mais corajosa, segura na minha mão
Lutemos juntas com coragem e com amor
Pra o governo dar valor a esta nossa profissão

Santa Maria é a nossa companheira
Grande força verdadeira que protege esta nação
Que fortalece a nossa luta pouco a pouco
E a mulher que quebra o coco pede a sua proteção

Nessas duas últimas estrofes da cantiga, é possível perceber, novamente, no manifestar rítmico e rimado, que as Quebradeiras apropriam-se da língua como ferramenta discursiva: é tida como conjunto de sinais, um sistema de signos, utilizados para se comunicarem socialmente, meio que viabiliza o processo de comunicação entre sujeitos discursivos. O gênero literário abordado é, pois, um mecanismo interacional e dialógico, lugar em que se firmam valores e crenças a ser compartilhadas, um veículo para transportar suas ideologias, anseios e valores, um instrumento de mediação entre os homens.

Este gênero literário é, sobretudo, uma ferramenta de luta e resistência, representa ainda a forte união entre as Quebradeiras, perante seus ideais sociais, culturais e ambientais. As estrofes carregam evidências o sólido ideário dessas mulheres, que não permite que uma abandone a outra. Quando cantada “*Lutemos juntas com coragem e com amor pra governo dar valor a esta nossa profissão*”, percebemos que elas esperam ser reconhecidas, tenham voz e representatividade social, pois, acreditam que merecem ser ouvidas, elas têm o que falar e para quem falar.

Análise do gênero literário Poesia

As poesias surgem de acordo com o momento de inspiração das Quebradeiras, elas, ao contrário das cantigas de roda, são particulares de cada mulher, se uma Quebradeira se sentir inspirada para fazer uma poesia, ela irá surgir, não é um processo de produção obrigatório, ele vem naturalmente a elas. E, as poesias, assim como as cantigas, servem como instrumento de manifestação de voz da comunidade Quebradeira de Coco Babaçu.

A poesia aqui analisada se chama Ave Maria das Quebradeiras, foi produzida pela Diretora das Quebradeiras, da regional⁵ Tocantins. Filha de uma extrativista, a Diretora é uma típica quebradeira de coco e uma participante ativa na luta pelos direitos das Mulheres Quebradeiras. Já viaja pelo mundo inteiro, divulgando a cultura e a história das Quebradeiras para

⁵ Portal MIQCB. Cada Estado, que faz parte do MIQCB, tem uma regional que é dirigida por uma mulher. Pelo fato do Movimento ter se tornado muito grande, se fez necessário que cada Estado tivesse uma diretora, para administrar as papeladas referentes à administração do Movimento.

aqueles que necessitam conhecer a luta de um povo que não se deixa ser esquecido.

A poesia retrata o triste sentimento das Quebradeiras, no momento de derrubada das palmeiras.

A palmeira, caindo em carrera
A caminho da morte, mudando sua sorte
Suspiro derradeiro, gemido profundo
Treme a terra e o mundo
Sufocando o coração das quebradeiras.

Essa primeira estrofe da poesia representa o desalento das Quebradeiras, quando veem a derrubada das palmeiras. Para elas, a morte da palmeira é a morte das Quebradeiras, pois, com a sua derrubada, o sustento das mulheres é incerto, ou seja, quando os fazendeiros destroem as palmeiras, também, estão destruindo as mulheres quebradeiras que vivem de extrativismo dessas palmeiras.

Ave palmeira que sofre desgraça
Malditos derrubam, queimam, devastam
Bendito é teu fruto que serve de alimento
E no leito da terra, ainda dá sustento.

Nessa segunda estrofe, de acordo com a Diretora, o sentimento transmitido é de frustração, indignação e grande aversão aos próprios fazendeiros, que, sem dó, sem piedade, destroem não somente uma palmeira, mas toda uma comunidade, todo um povo que necessita do babaçu para sobreviver. No verso “*e no leito da terra, ainda dá sustento*”, implicitamente, podemos perceber que, mesmo morta, a palmeira ainda ajuda as Quebradeiras, pois quando são derrubadas ou queimadas, elas tiram os babaçus, para fazer o carvão, que é vendido e também aproveitado dentro de casa.

Santa Mãe brasileira, mãe leite verdadeiro
Em sua hora derradeira, rogai por
Todas nós quebradeiras.

A Diretora da Regional do Tocantins, assim como todas as Quebradeiras, é Católica e, nesta última estrofe, ela roga a Nossa Senhora, para que lhes dê proteção contra aqueles que querem lhes fazer mal. Ela clama por proteção à Santa, para que não lhes falem forças, nessa luta não apenas pela sobrevivência do alimento, mas do seu próprio modo de vida, da sua cultura, da sua memória.

Ao ser questionada sobre a importância da língua para transmissão de seus discursos e ideologias, a Diretora afirma que, em muitos casos, a língua é o único instrumento de luta que nenhuma pessoa pode tirar dela na luta pelos seus direitos. Ela também falou que não existem muitos livros que registrem, de maneira realista, as manifestações literárias pertencentes a seu grupo. Como não são muitos os livros que retratam de forma verossímil as manifestações culturais, artísticas e discursivas das Mulheres Quebradeiras, é papel delas disseminarem o seu próprio modo de vida, e elas fazem isso, com o auxílio da língua oral, elas fazem da língua a sua ferramenta auxiliadora.

As Quebradeiras de Coco se apropriam da língua de uma forma simples, mas que permite aos jovens, não perderem, com o tempo, a essência da vida em comunidade tradicional, mesmo não havendo livros escritos para lhes ensinar os costumes e tradições, eles não se perdem, pois é a língua que funciona como veículo de assimilação e transmissão desses conhecimentos.

Análise das transcrições das Narrativas Oraís: gênero literário mito

As narrativas orais costumam surgir, diferentemente, das cantigas de roda e das poesias, pela necessidade que as mães Quebradeiras de Coco têm de ensinar aos seus filhos ensinamentos lúdicos e práticos, alertando para os perigos que envolvem os riscos de vida das crianças. Para que as crianças respeitem e obedeçam a suas mães, elas preferem criar mitos, a bater, pois acreditam que a fantasia educa mais que uma surra.

As narrativas orais, principalmente, o gênero mito, são as que se encontram mais presentes no cotidiano das comunidades das Quebradeiras. Registros escritos quase não existem, mas, se qualquer pessoa se interessar em conhecer a vida dessas mulheres, vai perceber que os mitos são gêneros presentes no dia a dia de grupo autóctone.

Fizemos a análise das transcrições do gênero mito. A análise desse gênero só foi possível, pois foram feitas filmagens, para depois serem transcritas. Uma Quebradeira que vive num povoado chamado, popularmente, por Centu dos Calisto, relatou suas memórias e descreveu os mitos que ela mais escutou da sua avó, que também era Quebradeira de Coco, ela comentou que, se não fossem os mitos escutados pela sua avó, teria passado por muitas situações de risco, pois as crianças que não escutavam os mais velhos acabavam sofrendo o perigo pelo qual eles alertavam.

As bisavós falavam que quando a gente vai pro coco, quebrar coco, junta um monte de miúer e vai pro coco, quem engoli um coco baguin, bem miudin que tem dentro do coco, fica quebradera, quebradera significa quebrá muito coco, mas se inguli fica quebradera, mas se ir caçar coco só e quebrar só, se perdi no mato.

De acordo com ela, esse mito servia para fazer com que as jovens que estavam começando a quebrar coco, não andassem pelo mato sozinhas, que elas sempre deveriam andar acompanhadas de um adulto. É possível perceber, que as mulheres mais velhas, se utilizavam da língua oral, para transmitir suas mensagens, seus ensinamentos, para que as crianças e os jovens crescessem já sabendo que não poderiam andar pelo mato sem companhia de uma pessoa adulta.

É necessário salientar, que a língua, dentro da Comunidade das Mulheres Quebradeiras, serve como meio de transmissão de conhecimentos e ensinamentos, ela é o instrumento pelo qual as Quebradeiras repassam sua cultura, suas tradições e suas memórias que se encontram tão vívidas no seu pensamento. Nesta transcrição “Si ir pescar e inguli piabinha fica nadadera, mais também morre afogada”, vemos que as mães Quebradeiras, ao invés de utilizarem punições severas para evitar que seus filhos fossem nadar sozinhos, usavam estratégias lúdicas para que eles crescessem tendo a consciência de que não se deve brincar nas, popularmente, chamadas “grotas”, uma espécie de lagoa.

Na análise dos relatos do gênero mito, foi possível perceber que todas as Quebradeiras, envolvidas na pesquisa, são gratas pelos ensinamentos que foram repassados a elas, comentaram ainda que a língua oral, diferentemente, dos ensinamentos que passavam na televisão, era o que lhes fazia pensar duas vezes antes de desobedecerem a seus pais.

A manifestação linguística através das narrativas orais é forte no espaço da comunidade de Quebradeiras de Coco Babaçu, os costumes, tradições, ensinamentos são repassados aos jovens por meio dela, podemos inferir então, que a língua, é o principal meio de manifestação do discurso das Quebradeiras. E, que sem a língua, principalmente, a oral, toda a luta, as reivindicações e as tradições seriam perdidas, ficando somente na memória daquelas mulheres que iniciaram o movimento (MIQCB) e, que lutam pelos seus direitos até os dias de hoje.

Considerações Finais

Por meio da língua, o indivíduo se manifesta dentro da sociedade e se posiciona ideológica e culturalmente. Existe uma relação intrínseca entre língua e cultura, sobretudo, para o processo de manifestação de um discurso dentro da sociedade. Nesta pesquisa, foram estudados os processos que envolvem as ligações entre língua, cultura e sociedade, dentro da comunidade Quebradeiras de Coco Babaçu.

Como objetivo, buscamos (re) conhecer a memória e a identidade cultural das Quebra-

deiras de Coco, a partir dos gêneros literários (cantiga de roda, poesia e narrativas orais: mitos) como preservação da memória cultural e histórica. Por meio disso, percebemos que os gêneros literários contribuem sobremaneira para que as crenças, as tradições e a cultura não se percam ao longo do tempo. Pelas produções literárias feitas pelas próprias mulheres, foi possível perceber a importância dos gêneros literários para a perpetuação do legado deixado por elas.

O outro objetivo elencado foi refletir acerca da língua enquanto instrumento de manifestação artística, cultural e discursiva das Quebradeiras de Coco Babaçu, em especial, na cidade de São Miguel, no Estado do Tocantins, local no qual a pesquisa foi realizada. A partir desse objetivo, foi possível notar a importância da língua enquanto instrumento de perpetuação da cultura de um povo, pois, é, por meio dela, que os discursos são proferidos e repassados das Mulheres Quebradeiras para os seus filhos, não somente os discursos, mas também, todas as manifestações que envolvem a vida das Quebradeiras dentro do seu ambiente.

A língua, cultura e sociedade, neste entremeio, não podem ser vistas separadamente, e dentro do contexto das Quebradeiras de Coco Babaçu, intrinsecamente se integram, o que permite a essa comunidade existir num espaço que lhes dê significação, autenticidade e identidade.

A questão inicial que orientou esta pesquisa foi: como estão impregnadas as manifestações culturais das Quebradeiras de Coco Babaçu de São Miguel, no Estado do Tocantins, nos gêneros literários produzidos por estas comunidades tradicionais? Notamos que as Quebradeiras de Coco Babaçu se preocupam com a preservação da memória e identidade de seu povo. Foi possível concluir que, para que as gerações futuras não se esqueçam de toda a luta e sofrimento pelo qual passaram, elas fazem rodas de conversa para lembrar de tudo que elas sofreram, para que, hoje, seus filhos tenham uma vida digna, sem fome e miséria. Os gêneros literários servem como ferramenta para as suas manifestações culturais, eles são produzidos para que as Mulheres tenham voz ativa.

Nas rodas de conversa, as Quebradeiras que lutaram ativamente político e socialmente, contam suas histórias, suas vivências e os ensinamentos que foram repassados pelos seus antepassados. Dessa forma, os jovens entendem a necessidade de se preservar a identidade e a cultura de seu povo. Isso é possível em razão do auxílio dos gêneros literários, pois, é por meio deles que as Quebradeiras se manifestam e se posicionam.

A segunda questão que orientou esta pesquisa foi: como a comunidade tradicional, Quebradeiras de Coco Babaçu, se articula quanto à preservação da sua memória e identidade? Para que essa preservação aconteça, percebemos que a língua é um fator primordial, pois, é por meio dela que as Quebradeiras mais velhas repassam seus conhecimentos, seus valores, seus costumes e suas tradições. Dessa forma, a língua é a única fonte de transmissão de conhecimentos passados.

A terceira e última questão que orientou esta pesquisa foi: a partir da língua, como as Quebradeiras de Coco Babaçu de São Miguel fazem para disseminar a conscientização ambiental e a preservação da natureza dentro do espaço que fazem parte? A língua é o instrumento pelo qual as pessoas se comunicam e transmitem seus discursos, desse modo, percebemos que as Quebradeiras utilizam dela para disseminar a conscientização ambiental e a preservação da natureza, tanto para os jovens, quanto para as pessoas que não fazem parte da comunidade. Com diversos programas voltados para a preservação da natureza, as Mulheres Quebradeiras ensinam os jovens a participarem ativamente pela defesa do meio ambiente e da necessidade de uma agroeconomia que não agrida ao ser humano e nem ao terreno onde se cultiva. Para que os jovens se mantenham interessados, são feitos cursos profissionalizantes, ensinando eles a viverem da terra e de todas as riquezas que ela fornece.

A comunidade das Quebradeiras representa, de forma legítima, as ligações existentes entre língua, cultura e sociedade, pois, a língua é o instrumento de comunicação que possibilita a elas produzirem seus discursos e ideologias; a cultura é o retrato verossímil de uma vida em comunidade, elas não produzem cultura do nada, elas produzem com o auxílio da língua; e a sociedade é o local no qual elas têm a possibilidade de se revelarem com todas as suas concepções ideológicas e as suas manifestações artísticas, culturais e discursivas.

Com este estudo, notamos que a língua e a cultura estão intrinsecamente ligadas à ma-

nifestação do discurso em uma sociedade, sendo a língua, nesse processo, uma ferramenta dinâmica e ativa; e a cultura um objeto vivo imbuído de identidade e erudição, símbolo de luta e resistência, principalmente, a favor da preservação ambiental.

Esta pesquisa justifica-se pela importância de resgatar e manter viva a memória cultural, dos mitos/ritos, doutrinas, valores e costumes das Quebradeiras de Coco Babaçu de São Miguel, posto que, os saberes, habitus e modus vivendi desta comunidade, penetrados em suas manifestações artísticas e culturais, são passíveis de múltiplas investigações, como, pesquisas etnolinguísticas, antropológicas, sociológicas, históricas, culturais e entre outras esferas científicas, o que comprova o pluralismo cultural do Estado, merecendo maior respaldo, visibilidade e evidência no cenário nacional. Através da pesquisa, pessoas que desconhecem a riqueza artística, cultural e discursiva das Quebradeiras de Coco passarão a conhecê-las e, consequentemente, elas ganharão uma visibilidade, que até então, é quase nula.

É necessário esclarecer que esta pesquisa não termina por aqui, os resultados, apesar de satisfatórios, não são, de modo algum, concluídos e acabados. Infelizmente, somente esta pesquisa não é suficiente para descrever toda a riqueza linguística e cultural da Comunidade Tradicional: Quebradeiras de Coco Babaçu. Através deste estudo, novas perspectivas e problemas de pesquisa poderão surgir, se transformando até mesmo, em uma pesquisa de Mestrado.

Referências

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson, 2007.

BESSA, Bráulio: **Poesia que transforma**. 1. ed. São Paulo: Sextante, 2018.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. **Língua e cultura**. **Revista Letras - ISSN 0100-0888 (versão impressa) e 2236-0999 (versão eletrônica)**.

CAMARGO, Orson. **“Cultura”; Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/cultura-1.htm>. Acesso em 24 de setembro de 2019.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas**. Tradução Lúcia Lobato. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

COSTA, M.A. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M.E. (Org.) et al. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 13° ed. Lisboa: Presença, 2007.

GOMES et al. **Boas Práticas: babaçu**. 1° ed. V. 1. São Paulo: Fundo Vale, 2012.

FRAZER, James Georger; MORGAN, Lewis Henry; TYLOR, Edward Burnett. **Evolucionismo cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FURTADO, Clécia Maria Nóbrega Marinho et al. **Língua - Sociedade - Cultura: uma relação indissociável**. 14. ed. João Pessoa: Principia, 2006.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LARAIA, Roque. **Cultura: um conceito antropológico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LYONS, John. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Ltc, 1981.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas Ltda, 2017.

MIQCB. Disponível em: <https://www.miqcb.org/>. Acesso em. 24 de set. 2019.

MINTZ, Sidney W. **Cultura: uma visão antropológica**. Tradução James Emanuel de Albuquerque. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

MORIN, Edigar. **O método IV. As idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização**. Publicações Europa-América. Biblioteca Universitária, 1991. Trad. Emílio Campos Lima.

NASI, Lara. **O conceito de língua: um contraponto entre a Gramática Normativa e a Linguística**. Maringá, Revista Urutágua, N° 13, ISSN 1519.6178, 2007.

FILHO, Aderval Costa; Mendes, Ana Beatriz Vianna. **Direitos dos povos e comunidades tradicionais**. 1° ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013

PEROVANO, Dalton Gean. **MANUAL DE METODOLOGIA CIENTIFICA**. São Paulo: Juruá, 2014.
SAUSSURE, F. Curso de Linguística Geral. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA, Paulo Cesar Garré; SOUSA, Antonio Paulino de. **Língua e Sociedade: influências mútuas no processo de construção sociocultural**. Revista Educação e Emancipação, São Luís, v. 10, n. 3, set/dez.2017.

ORLANDI, Eni. **Análise do Discurso: Princípios e procedimentos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Pontes Editores, 2015.

Recebido em 09 de abril de 2020.

Aceito em 15 de junho de 2020.